

UMA ANÁLISE DA MATERNIDADE DAS JOVENS QUE NÃO ESTUDAVAM E NEM TRABALHAVAM NO BRASIL EM 2010

Pedro Henrique de Castro Simões¹

Resumo: O aumento da parcela da população jovem que não estuda e nem trabalha vem preocupando os formuladores de políticas públicas em todo o mundo. Os homens e mulheres que compõem este grupo têm sido chamados de “nem-nem” na imprensa e nos meios acadêmicos, mas neste artigo os chamaremos pela sigla NEET. No Brasil, a despeito do bom desempenho do mercado de trabalho e do aumento da escolaridade, acumulam-se evidências de que a parcela de jovens NEET também aumentou. Para as mulheres, a condição NEET é frequentemente associada à maternidade. Levando em consideração este contexto, o artigo tem como objetivo analisar, no Brasil, os diferenciais da proporção de mães entre as jovens em condição NEET e as demais, segundo dados do Censo Demográfico de 2010. Os resultados mostram que há um expressivo diferencial na proporção de mães entre as jovens NEET e não-NEET, e que este permanece mesmo quando comparamos jovens com a mesma renda familiar, o mesmo grau de instrução e o mesmo estado conjugal. Não é possível, entretanto, concluir que existe uma relação de causalidade entre a condição NEET e a maternidade. De qualquer maneira, os resultados encontrados tornam quantificável o grau de associação entre as duas condições, de modo que podem ser compradas as diferenças para diversos recortes de interesse.

Palavras-chaves: NEET; Nem-nem; Maternidade; Juventude; Desocupação entre jovens;

Introdução

Nos últimos anos, a despeito do bom desempenho do mercado de trabalho e do aumento da escolaridade média da população, acumulam-se evidências do aumento da parcela de jovens brasileiros que não estuda e nem trabalha. Como é comum no mundo todo, o desemprego entre os mais jovens continua a ser maior do que entre os adultos mais velhos (DORNBUSCH e FISCHER, 1990), mas dados da PME² confirmam que, mesmo com a redução do ritmo de crescimento da economia nos últimos anos, os números sobre emprego no Brasil evoluíram favoravelmente também para o grupo que será estudado neste artigo. Como exemplo, entre os jovens de 15 a 17 anos, a taxa de desocupação caiu de uma média anual de 38,2% em 2003 para 24,6% em 2013.

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em População, Território e Estatísticas Públicas (ENCE/IBGE)

²Pesquisa Mensal do Emprego do IBGE

Entre os jovens de 18 a 24 anos, a desemprego caiu de 23,4% para 12,7% no mesmo período. Indicadores de educação também apresentaram melhora nesse período, ainda que não tão expressiva quanto aqueles ligados ao emprego. Os três indicadores de educação que compõem os Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (IDS) do IBGE (taxa de frequência escolar, taxa de analfabetismo e a taxa de escolaridade da população adulta), por exemplo, apresentaram melhora (IBGE, 2012a).

Mesmo com esses avanços, a parcela de jovens que não estuda e nem trabalha chegou a 19,8% do total de brasileiros entre 15 e 29 anos, segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2011 (IBGE, 2012b). Em todo o mundo, formuladores de políticas públicas e importantes organizações internacionais têm expressado sua preocupação com essa população (OECD, 2014). Os homens e mulheres que compõem este grupo têm sido chamados de “nem-nem” por muitos na imprensa brasileira e por alguns nos meios acadêmicos. Porém, doravante, os chamaremos pela sigla em inglês NEET (*neither in employment nor in education or training*), como é comum na maioria dos estudos internacionais.

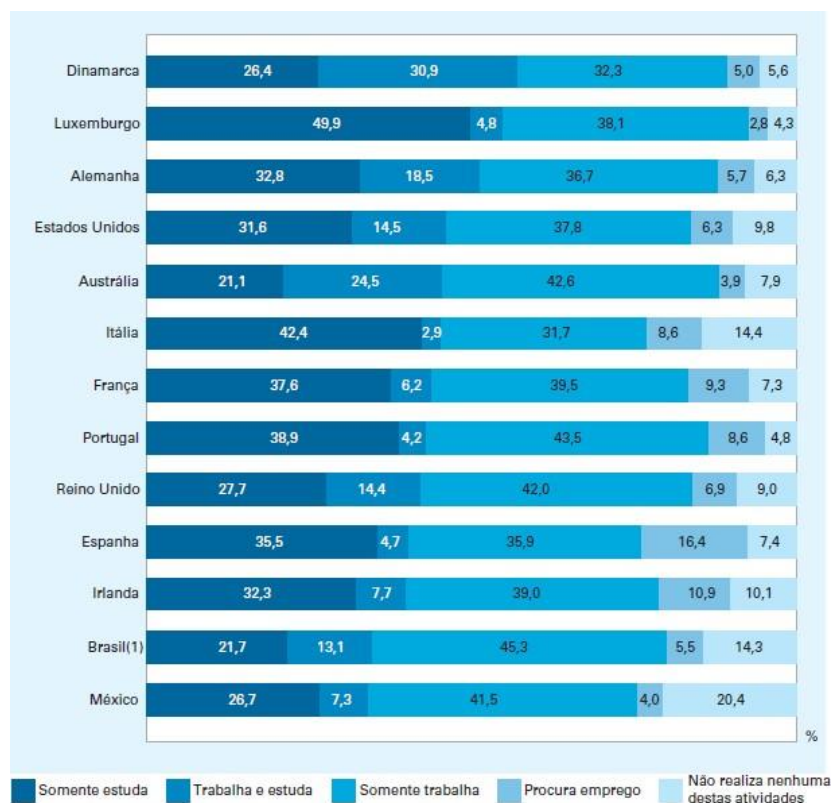
Motivação

A questão dos jovens que não trabalham nem estudam vem ganhando cada vez mais destaque, e o fenômeno apresenta-se como um desafio não apenas de dimensão social, mas que pode ter também profundos impactos econômicos. Eles representam uma massa significativa de pessoas que pode tanto impulsionar o crescimento, sendo peças fundamentais no estabelecimento de um ciclo de desenvolvimento sustentável, quanto, contrariamente, podem representar um peso e um problema para administrações públicas atuais e futuras. Afinal, jovens fora do sistema oficial de educação e do mercado de trabalho têm mais chances de estarem engajados em atividades socialmente indesejáveis, como as organizações criminosas e “gangues”, ou então apresentarem baixas expectativas acerca do futuro, convivendo com depressão e baixa qualidade de vida (SIMÕES *et al.*, 2013). Em um momento em que se discute a capacidade do país aproveitar plenamente a janela de oportunidade dada pelo bônus demográfico – período único da transição demográfica em que o crescimento do número de adultos (produtores líquidos) supera o de crianças e idosos (consumidores líquidos) –, é fundamental analisar o fenômeno em detalhe e entender o que esses jovens fazem fora da força de trabalho, enquanto limitações de oferta desse fator de produção já se fazem evidentes no Brasil (ver, por exemplo, BONELLI e FONTES, 2013).

A Organização Mundial do Trabalho (OIT) estima que há 75 milhões de jovens procurando emprego no mundo todo. Nos países da OCDE (Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento), constatou-se que, depois de anos de declínio, a parcela de jovens que estão na condição de NEET voltou a subir a partir do fim da última década. Nesse clube de países (em que as nações desenvolvidas são maioria), as estimativas são de que há cerca de 25 milhões de jovens

NEET. Nos países em desenvolvimento, estimativas do Banco Mundial dão conta de cerca de 260 milhões de jovens nessa condição. No total, teríamos cerca de 300 milhões de jovens no mundo que não trabalham e nem estudam (OCDE, 2014). Nos países desenvolvidos, a questão central da discussão são as consequências da crise que assola as economias centrais, principalmente as europeias, desde o colapso financeiro de 2008/09, e que fez crescer enormemente o desemprego. Os indicadores são alarmantes entre os jovens desses países. Neles, a proporção de jovens na condição NEET vem sendo considerada o melhor indicador da dificuldade que este grupo enfrenta na busca por emprego, já que, diferentemente da taxa de desemprego, a proporção de NEETs considera não apenas aqueles que buscam, mas não conseguem arrumar um trabalho – os desempregados – como também aqueles que se encontram desestimulados e desencorajados e, por isso, pouco ou nada fazem para encontrar emprego de fato – os inativos (OCDE, 2014). No Brasil, dada a situação ainda favorável do mercado de trabalho, o foco das discussões está menos sobre o emprego e mais sobre o acesso à educação e à rede de proteção social oferecida aos jovens mais vulneráveis que, como veremos adiante, compõem a maior parcela dos jovens na condição de interesse desse estudo. A Figura 1 dá uma boa dimensão internacional do fenômeno dos NEET.

Figura 1 – Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade, por condição de atividade na semana de referência, segundo países selecionados – 2010 ou 2011



Nota: (1) Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) 2011

Fonte: OCDE e IBGE-PNAD

Apesar da alta disseminação do fenômeno pelo mundo, foi só recentemente que a questão dos NEET foi realmente incorporada ao debate das políticas públicas. Dessa maneira, todo conhecimento adicional sobre esses jovens é importante e pode auxiliar na formulação de políticas que visem minimizar as consequências dos possíveis problemas que podem surgir. A criação e implantação de estratégias que permitam aos jovens obter um trabalho digno e produtivo estão contempladas nos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio da Organização das Nações Unidas (ONU), atestando que a condição de vida e as oportunidades que se apresentam aos jovens são questões que devem ocupar a cabeça de formuladores de políticas públicas em todo o planeta.

Estudar a maternidade entre essas jovens é particularmente importante no caso do Brasil, uma vez que ser mãe é uma característica frequentemente associada com a condição das jovens NEET, mesmo que não seja estabelecida uma relação de causalidade definitiva (IBGE, 2012b). Heilborn e Cabral (2006) encontram na literatura antropológica ideias que podem estar na raiz dessa associação. Segundo as autoras, o processo de estruturação da identidade adulta masculina, particularmente nas classes populares, está diretamente ligada ao trabalho. No caso feminino, esse papel seria desempenhado pela maternidade. Isso certamente faria parte da explicação de porque, no Brasil, o percentual de jovens mulheres na condição de NEET é superior ao dos homens. Entretanto, este não é um padrão universal. Em Israel e na Espanha, por exemplo, as chances de um jovem classificado como NEET ser do sexo masculino são significativamente maiores (OECD, 2012).

Objetivos

Procuramos identificar diferenças nas experiências de maternidade entre jovens na condição NEET e aquelas que trabalham e/ou estudam. Utilizaremos dados sobre a parturição (número de filhos tidos nascidos vivos) para analisar e comparar os padrões de distribuição dos percentuais de mulheres que são mães dentre enquadradas como NEET e dentre as demais no ano de 2010 no Brasil. Faremos esta análise levando em consideração alguns fatores que podem estar associados tanto com a maternidade quanto com a condição NEET. Eles são a renda do domicílio, o grau de instrução e o estado conjugal dessas mulheres. Dessa maneira, poderemos analisar os diferenciais entre o percentual de mães controlando para uma mesma faixa de renda, o mesmo grau de instrução e o mesmo estado conjugal.

A escolha pelo percentual de mães em detrimento da fecundidade tem motivações metodológicas e conceituais. Da primeira motivação, destacamos o fato de que essas jovens, em sua grande maioria, ainda se encontram distantes do fim do seu período reprodutivo (considerado na maioria dos estudos sobre fecundidade aquele que vai dos 15 aos 49 anos), o que deixaria muito da projeção da parturição para o cálculo de alguma TFT (taxa de fecundidade total) para projeção. Do ponto de vista das políticas públicas, o objetivo, na maioria das vezes, é evitar a gravidez indesejada. Ser ou não ser mãe importa mais que o número de filhos (VIGNOLI e CAVENAGHI, 2014).

Devemos ainda estar conscientes de duas dificuldades importantes que emergem quando se faz qualquer estudo sobre os jovens na condição NEET. Primeiramente, eles estão longe de ser um grupo homogêneo.

Há situações de não vínculo ao mercado de trabalho ou ao sistema formal de educação como medidos pelas pesquisas domiciliares que, no entanto, não caracterizaram ociosidade ou inatividade do jovem que pudesse ser objeto de preocupação do Poder Público (SIMÕES *et al.*, 2013, p. 4).

Como exemplo, podemos citar aqueles que estão à procura de um emprego e, portanto, fazem parte da PEA (população economicamente ativa) apesar de não estarem empregados e aqueles que não trabalham por terem algum tipo de deficiência física ou mental que impossibilite o trabalho. Outro exemplo é dos que se dedicam ao trabalho reprodutivo, o que é especialmente significativo no caso das mulheres.

Em segundo lugar, a condição de NEET pode ser temporária ou permanente. Isto é, um jovem considerado no momento da pesquisa como NEET pode não ter sido NEET no passado e possivelmente não permanecerá na condição de NEET para sempre. Entretanto, a natureza geralmente temporária da condição não tira dela o interesse de estudo das características sócio-demográficas das pessoas que, em algum momento de sua juventude, foram consideradas como NEET. Simões *et al.* (2013) mostram, com dados da PNAD de 2011, que a extensão do período de referência de uma semana para um ano diminui o percentual de jovens na condição NEET para 10,7%, um número ainda bastante expressivo. Adicionalmente, os autores constataam que a extensão do período de referência não modifica a tendência de aumento da parcela dos NEET entre os jovens brasileiros nos últimos anos.

Fonte de dados

Os dados utilizados foram extraídos dos microdados do Censo Demográfico de 2010, disponíveis no sítio do IBGE. O Censo é a mais ampla pesquisa domiciliar realizada no país pelo IBGE e é feito, geralmente, a cada dez anos. O mais recente censo cobriu todo o território nacional, alcançando 5.565 municípios e visitando, no total, 67.569.688 domicílios.

Caracterização dos jovens NEET

A primeira questão que emerge quando falamos dos jovens que não estudam e nem trabalham é: que idade esses jovens têm? Segundo Simões *et al.* (2013), no Reino Unido, as idades entre 16 e 19 anos são aquelas levadas em conta quando o foco são os jovens. No Japão, o conceito de jovem pode ser aplicado a partir dos 15 e se entender até os 34. Nos Estados Unidos e no Brasil, o termo é geralmente aplicado para aqueles entre 16 e 24 anos. No país, esta é a faixa etária em que se espera que uma pessoa tenha concluído o ensino fundamental e esteja não apenas no ensino médio ou superior como também em vias de realizar a transição escola-trabalho. A Organização das Nações Unidas tem uma faixa de idade semelhante para definir o jovem, de 15 a 24, já a OCDE

utiliza a faixa de 15 a 29 anos. Como o objetivo do nosso trabalho está focado em uma análise da maternidade, consideraremos para nosso trabalho as idades de 15 até 29 anos, ponto em que a parturição estará mais próxima de estar completa. Isso é ainda mais significativo no Brasil, onde as mulheres geralmente começam e deixam de ter filhos cedo, ainda que existam, na margem, tendências de mudança nesse quadro (CAVENAGHI e ALVES, 2011). Com a juventude estendida até os 29 anos, podemos analisar melhor os eventos que tendem a acontecer em períodos mais tardios da idade reprodutiva das mulheres.

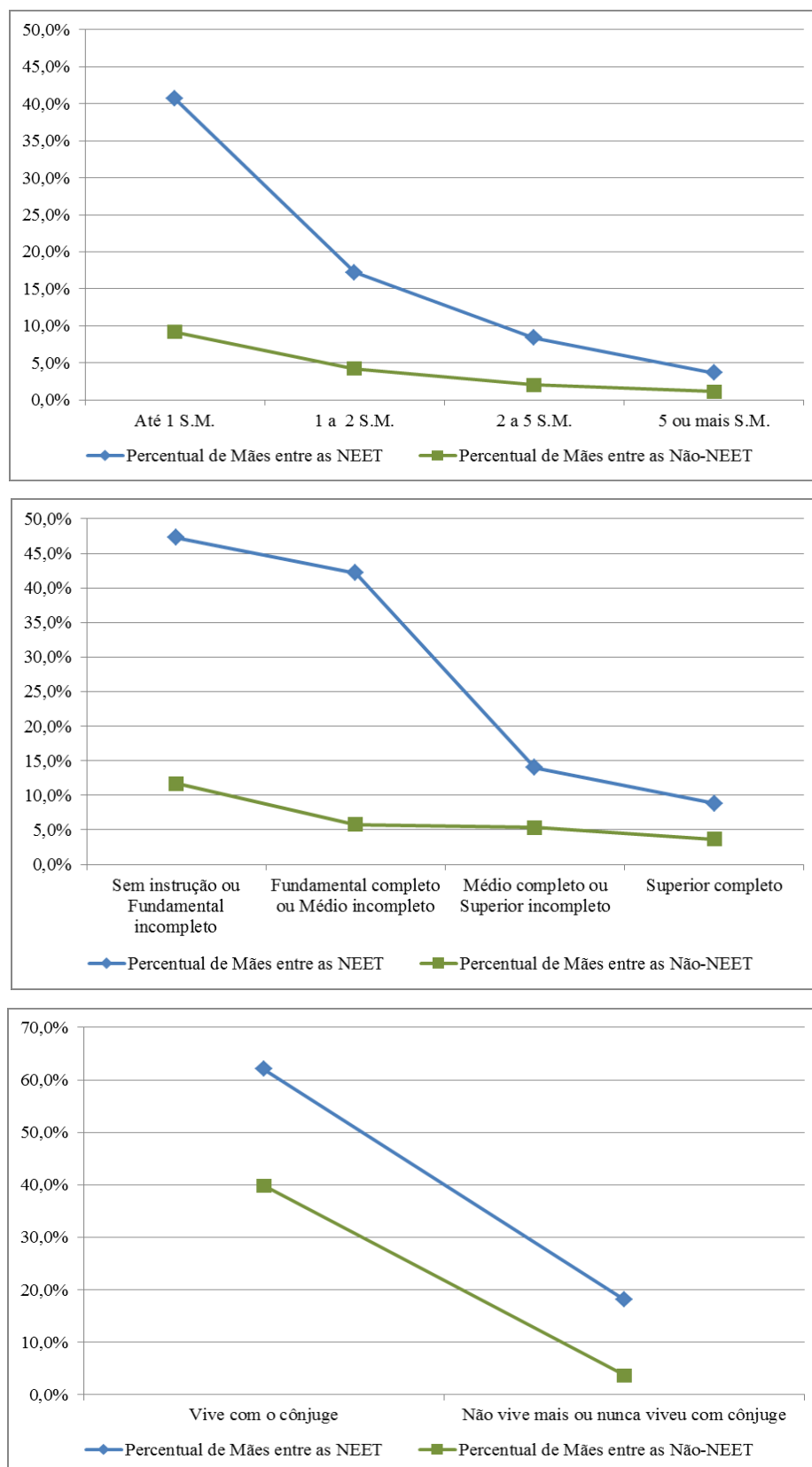
Consideramos como NEET aqueles jovens que não estavam trabalhando na semana de referência, em nenhum tipo de trabalho nos critérios das variáveis do questionário do censo e nem estavam estudando. As pessoas que estavam temporariamente afastadas ou licenciadas do trabalho, independentemente do motivo, não foram consideradas NEET. Também não foram incluídos os jovens que apresentavam graus mais severos de deficiências físicas que poderiam afetar seriamente a capacidade de trabalho. Isto, evidentemente, não implica que esses jovens devam permanecer fora da força de trabalho. Contrariamente, devem ser incentivados a trabalhar e estudar.

Como resultado desses critérios, encontramos uma proporção de jovens mulheres classificadas como NEET de 22% para as idades entre 15 e 29 anos, o que representa 5,6 milhões de jovens.

Resultados e Análise

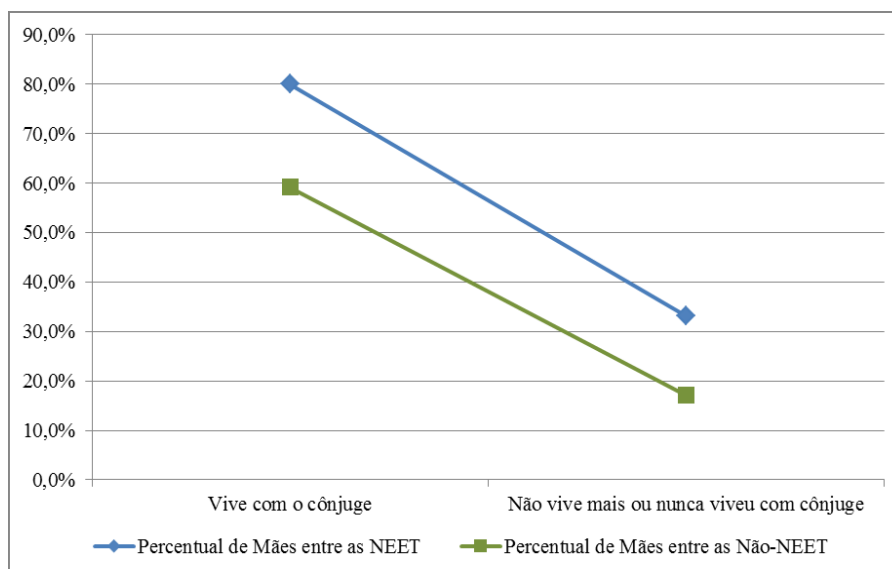
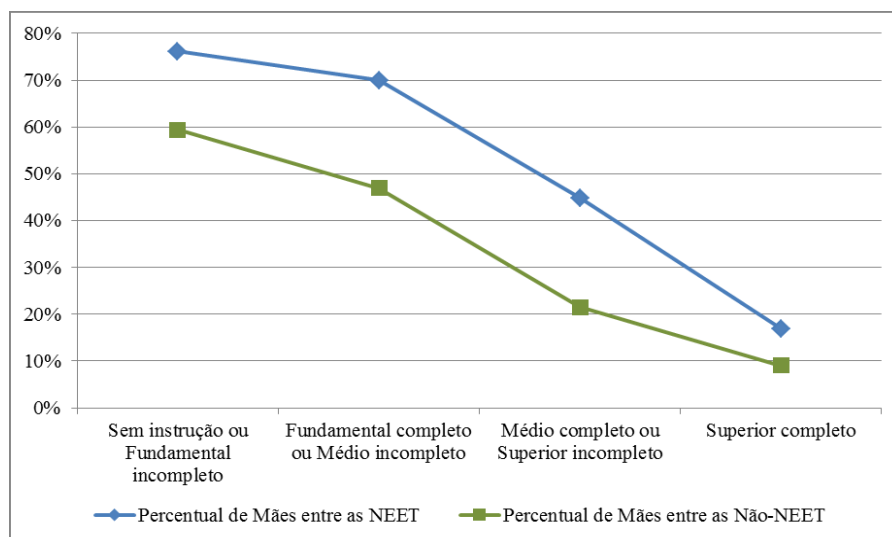
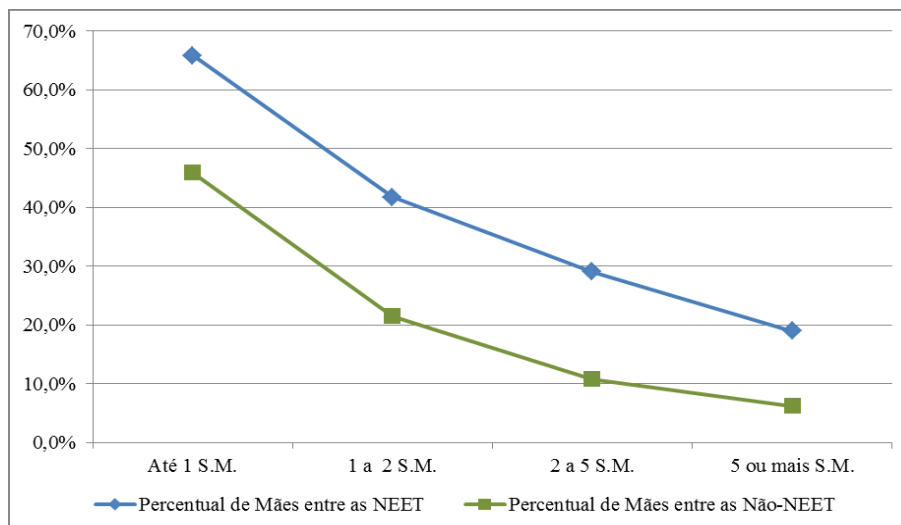
As Figuras a seguir exibem gráficos com o percentual de jovens que já tinham pelo menos um filho nascido vivo na data de referência do censo de 2010. Em cada gráfico, temos duas séries: uma para as jovens que foram consideradas NEET e outra para as demais. Para cada grupo de idade (15-19, 20-24 e 25-29) temos gráficos para diferentes faixas de renda domiciliar per capita (em número de salários mínimos), que pode ser uma *proxy* para o apoio que essas jovens têm dentro de casa, nível de escolaridade, e estado conjugal.

Figura 2 – Percentual de mães entre as jovens de 15 a 19 anos segundo rendimento domiciliar per capita, nível de escolaridade e estado conjugal (Brasil – 2010)



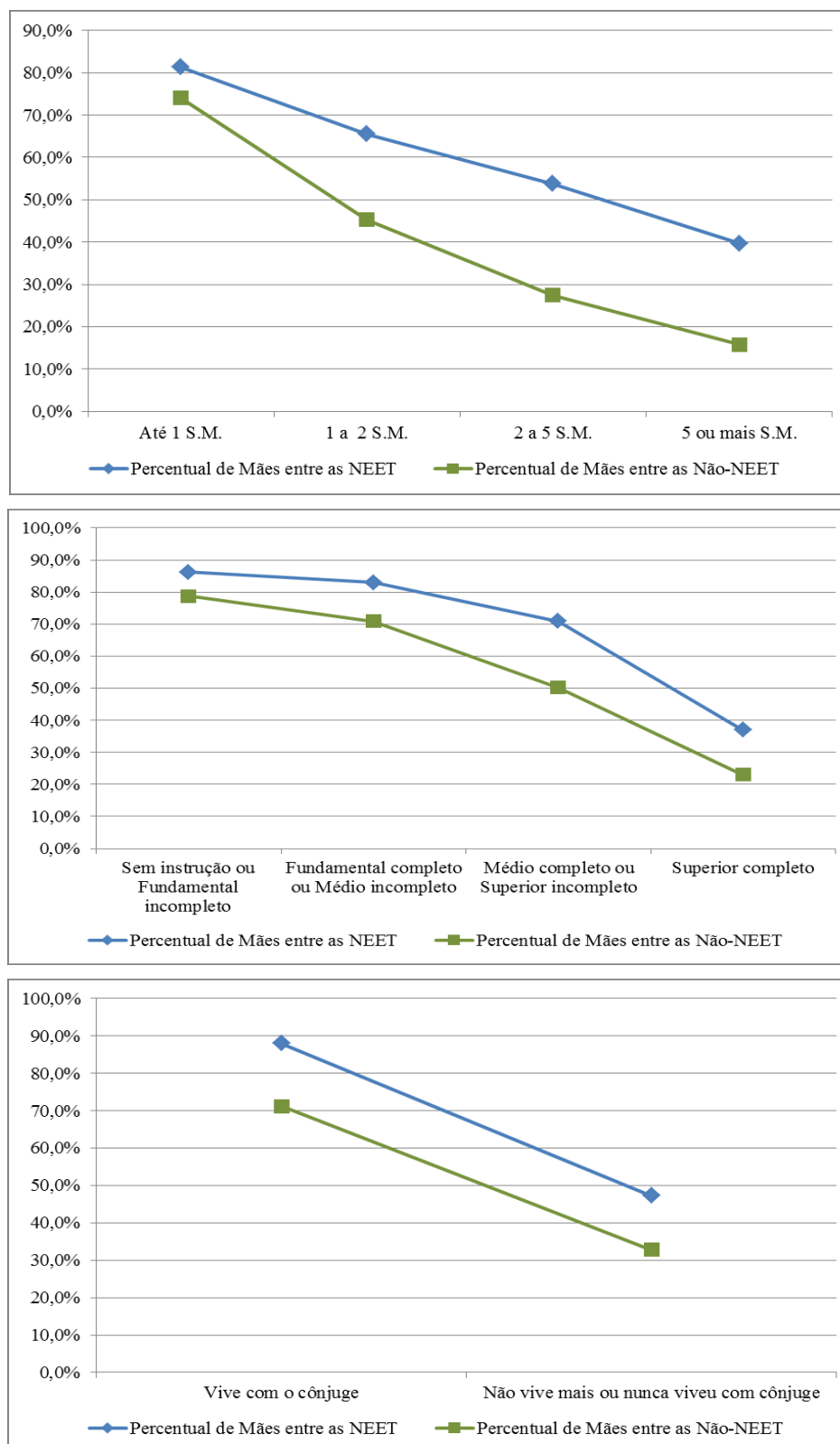
Fonte: IBGE- Censo Demográfico 2010

Figura 3 – Percentual de mães entre as jovens de 20 a 24 anos segundo rendimento domiciliar per capita, nível de escolaridade e estado conjugal (Brasil – 2010)



Fonte: IBGE- Censo Demográfico 2010

Figura 4 – Percentual de mães entre as jovens de 25 a 29 anos segundo rendimento domiciliar per capita, nível de escolaridade e estado conjugal (Brasil – 2010)



Fonte: IBGE- Censo Demográfico 2010

A primeira coisa que salta aos olhos é que os diferenciais são bastante grandes, o que está de acordo com a conhecida associação entre a condição de NEET e a maternidade. No caso das jovens de 15 a 19 anos com renda domiciliar per capita de até um salário mínimo, entre as consideradas NEET, 40,7% já são mães enquanto entre as não NEET 9,1% são mães, um diferencial de mais de 30 pontos percentuais.

O percentual de mães tende a declinar tanto para as NEET quanto para as demais em todas as faixas de idade conforme cresce a renda domiciliar, aumenta a escolaridade ou passamos do caso de jovens que moram com o cônjuge para o das que não moram.

Uma das evidências mais gritantes da associação entre a condição NEET e a maternidade está na forte queda observada no percentual de mães na passagem do ensino fundamental completo para o ensino médio completo nas idades de 15 a 19 anos. Diferentemente do nível de renda, em que a queda entre os níveis é gradual, no nível de instrução a queda é abrupta. Isto é, ter o ensino médio completo diminui muito a intensidade da associação entre a condição NEET e a maternidade, ainda que o diferencial entre as NEET e as demais jovens se mantenha. Tratam-se de meninas que deveriam estar estudando, mas não estão. Nesta análise não é possível, entretanto, traçar uma direção de causalidade.

Viver com o cônjuge está, como se pode esperar, muito associado à maternidade. É alto o percentual de jovens com filhos entre as que vivem com o cônjuge tanto entre as que são NEET quanto entre as que não são. Camarano et al (2006) comparam a distribuição dos jovens NEET por sexo, segundo a posição no domicílio com base no Censo Demográfico de 2000, e encontram que, entre os homens, mais de 70% eram filhos dos chefes do domicílio, enquanto para as mulheres a posição mais comum era a de cônjuge, com cerca de 60%. Para todas as jovens de 15 a 19 que não são classificadas como NEET, 7,3% são mães. Entretanto, entre aquelas que vivem com o cônjuge, esse percentual chega a 39,9%. Entre as que não vivem esse percentual cai para apenas 3,7%.

Os diferenciais no percentual de mães se reduzem bastante conforme as faixas de idade mais altas são alcançadas e, para alguns casos, chegam praticamente a se anular, como no caso das mulheres de 25 a 29 anos com renda domiciliar per capita de até um salário mínimo, o que pode indicar que as mulheres não-NEET têm maior tendência e capacidade para adiar o primeiro filho do que as NEET.

Considerações Finais

Neste trabalho apresentamos a distribuição da parturição de jovens classificadas como nem-nem (NEET) utilizando informações do Censo Demográfico de 2010 com o objetivo de detectar possíveis diferenças no padrão de fecundidade dessas mulheres em relação àquelas que trabalhavam ou estudavam. Como contribuição para a uma melhor compreensão das profundas heterogeneidades inerentes à classificação dos NEETS, a análise comparativa da parturição dessas jovens foi feita para separadamente para mulheres casadas e não casadas e em diferentes classes de renda familiar per

capita. Os resultados confirmam que a condição NEET está altamente associada à maternidade, fato expresso nos diferencial da proporção de mães entre as jovens NEET e não-NEET, e que ele permanece mesmo quando comparamos jovens com a mesma renda familiar, o mesmo grau de instrução e o mesmo vínculo doméstico com o cônjuge.

O estabelecimento de uma relação de causalidade entre a maternidade e a condição NEET não pode ser intuída a partir dos resultados encontrados neste trabalho. Entretanto, fica evidente a forte associação que há entre as duas características para as jovens brasileiras.

Referências Bibliográficas

BONELLI, R. e FONTES, J. Desafios Brasileiros no Longo Prazo. Texto para Discussão do IBRE/FGV. 2013.

CAMARANO, A.A.; MELLO, J.L.; KANSO, S.; ANDRADE, A. O processo de constituição de família entre os jovens: novos e velhos arranjos. In CAMARANO, A.A. (Org). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 199-223.

CAVENAGHI, S. M. e ALVES, J. E. D. Childlessness in Brazil: socioeconomic and regional diversity. Socioeconomic and regional diversity. In: XXVII IUSSP International Population Conference, 2013, Bussan. Proceedings of XXVII IUSSP International Population Conference. Paris: IUSSP, 2013. v. 1. p. 1-25.

DORNBUSCH, R. e FISCHER, S. Macroeconomics. McGraw-Hill, New York. 5th Edition. 1990.

HEILBORN, M. e CABRAL, C. Parentalidade Juvenil: transição condensada para a vida adulta. In CAMARANO, A.A. (Org). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Indicadores de Desenvolvimento Sustentável – Brasil 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira (2012).

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Education at Glance 2014. OECD Publishing. 2014

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Education at Glance 2012. OECD Publishing. 2012

SIMÕES, Armando (Org) Estudo Técnico n. 03/2013. Os Jovens que não estudam nem trabalham no Brasil: discussão conceitual, caracterização e evolução de 2001 a 2011. 2013

VINGOLI, J. e CAVENAGHI, S. Adolescent and youth fertility and social inequality in Latin America and the Caribbean: what role has education played? GENUS, LXX (No. 1), 1-25. 201

